



A farmácia literária como um projeto de letramento

Literary pharmacy as a literacy project

Andrea Silva Moraes¹

Resumo

A abordagem dos textos na sala de aula perpassa, antes de tudo, a sensibilização para os modos como eles agem nas nossas vidas. O texto literário, antes de ser um instrumento para didatização de conteúdos em sala de aula, como, por vezes, acontece, é um texto para a vida. Objetivamos, através da realização desta experiência didática, sensibilizar o estudante para o texto literário, com base no conceito de biblioterapia. Para tal, utilizamos como ferramenta para reflexão o processo de retextualização, abordando as regularidades, funções e contextos sociais de uso dos gêneros resenha e bula, a fim de ressignificar as suas formas de ação social através da intertextualidade inter-gêneros. Partimos, portanto, dos conceitos de gênero em Bazerman (2011), e de intergenericidade em Koch (2012) e Cavalcante et al (2011), da concepção de letramentos em Street (2014) e da discussão sobre projetos de letramento na escola, em Oliveira (2016). Como resultado desta experiência, ressaltamos a sensibilização do estudante junto ao texto literário, além do exercício de reescrita através da retextualização.

Palavras-chave: Leitura. Letramento. Farmácia Literária.

Abstract

The text's approach in the classroom is - before many things - awareness to the roles it plays in our lives. The literary text is a text for life before being a teaching tool in the classroom. Therefore, our goal is to stimulate the student to the literary text through the making of this didactic experience with foundation on bibliotherapy. To achieve such, we used as a tool of observation, the process of retextualization approaching regularities, roles and social context through intertextuality and intergenres. Thus, we started from the genre concepts in Bazerman (2011) and intergenderness spoken in Koch (2012) and Cavalcante et al (2011) to literacy concept in Street (2014) and also the discussion on literacy projects in Oliveira (2016). As a result of this experiment, we highlight the student's sensibility of the literary text, besides the exercise of rewriting through retextualization.

Keywords: reading, literacy, literary pharmacy.

Introdução

O olhar para o texto literário configura um desafio para docentes nos mais variados níveis, já que várias preocupações permeiam o processo de didatização da literatura. Sensibilizar e mobilizar para a leitura literária requer o cuidado para que não nos deixemos automatizar por uma dinâmica que busca apenas “resultados”, através de exercícios, fichas de leitura ou seminários. Neste relato, lançamos uma proposta

¹ Nomes e referências de autoria NÃO devem ser inseridos durante a submissão, apenas após aprovação.

para a sensibilização e o trabalho com a literatura em sala de aula, através de um projeto de letramento, para que o estudante perceba que, sobretudo, a leitura literária poderá acompanhá-lo por toda a vida. Iniciaremos nosso relato narrando como a ideia para o projeto foi acontecendo. Em seguida, traremos alguns conceitos essenciais que guiaram nossas ações ao longo do projeto, tais como gêneros textuais, intergenericidade e intertextualidade, a partir de Bazerman (2011a, 2011b, 2011c), Koch (2012) e Cavalcante et al (2011), respectivamente. Por fim, caracterizamos o grupo-classe e descrevemos como o projeto aconteceu, organizando as ações por etapas e verificando como elas se alinham à proposta de projetos de letramento, a partir de Street (2014) e Oliveira (2016).

1. Biblioterapia: da ficção literária para as aulas de português

A ideia para esse projeto surgiu a partir da junção de duas coincidências. A primeira ocorreu na ocasião em que estava à procura de uma epígrafe para minha tese. Deparamo-nos, quase que acidentalmente, em uma rede social, com o livro “Farmácia Literária”, de Ella Berthoud e Susan Elderkin. Nele, as autoras promovem, por meio de verbetes, a indicação de livros que contenham temáticas, situações ou personagens envolvidos com o que elas denominam, já na capa, “males diversos”, de “tédio” a “agorafobia”. Os verbetes traziam, além da definição dos males, conselhos sobre como encarar estes problemas ou simplesmente questões de ordem emocional comuns à vida humana.

A segunda coincidência aconteceu pouco tempo depois, quando numa ida despretenhosa à livraria, chamou-nos atenção por um best-seller em destaque: “A Livraria Mágica de Paris”, de Nina George. A história, logo na sinopse, impulsiona-nos a conectá-la ao propósito do livro de Berthoud e Elderkin. Em formato de narrativa de ficção, cujo enredo gira em torno de um barco-livraria, “A Livraria Mágica de Paris” traz como personagem principal um senhor encarregado de vender os livros certos conforme uma análise dos “males” do comprador. A ideia da Farmácia Literária, então,

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



parecia evidente enquanto proposta do livro, embora ao longo da narrativa não houvesse nenhuma nomenclatura mais direta nesse sentido. Foi, a partir desse encontro temático, que surgiu a ideia do projeto narrado neste trabalho.

Após o *insight*, interessamo-nos em pesquisar sobre biblioterapia. Foram feitas buscas rápidas e a definição do termo corroborou com a idealização desse projeto³. Naquele momento, organizamos em quais e quantas etapas a Farmácia Literária seria apresentada e, também, em qual das turmas o projeto encontraria maiores condições para acontecer.

Antes, porém, de adentrar e pormenorizar a execução do projeto, faz-se necessário discutir temas que o sustentam, tais como gêneros textuais, letramentos e leitura literária. Em seguida, iremos traçar de modo sucinto o perfil da turma em que o projeto ocorreu e, só depois, detalharemos sua execução junto às reflexões que foram possibilitadas através dele.

2. Vivendo através de gêneros textuais

Consideramos que os gêneros textuais são “ações retóricas tipificadas baseadas em situações recorrentes”, conforme Miller (1994, p. 153-154) ou, de modo mais recente, para Bazerman (2011b, p. 23), os gêneros são “formas de vida, modos de ser. São frames para a ação social. São ambientes para a aprendizagem.” Assim sendo, a iniciativa de lidar com gêneros textuais em sala de aula, concebendo-os como “lugares familiares para onde nos dirigimos para criar ações comunicativas inteligíveis uns com os outros” (BAZERMAN, 2011b, p. 23), direciona nosso pensamento para ver o gênero textual como mais do que uma ferramenta pedagógica. Esbarra-se, sobretudo, no desafio de abordar tantos gêneros textuais possíveis dentro

³ É possível consultar melhor o termo através do artigo disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/download/36/5200+&cd=2&hl=pt-PT&ct=clnk&gl=pt> Acesso em 08/06/2020.



de um contexto fictício, como aquele que criamos e favorecemos no ambiente escolar, de modo que o estudante possa sentir seu funcionamento e agir através dele.

Quando estamos num trabalho de ressignificação do texto literário em sala de aula, temos ao nosso dispor gêneros textuais que, atuando num sistema de atividades, nos auxiliam na organização de nossos objetivos. Atuar nesses sistemas nos possibilita testar quais textos melhor nos atendem, quais não foram satisfatórios, quais podemos adaptar. De acordo com Bazerman (2011b, p. 23), “numa sala de aula, o trabalho de um professor frequentemente serve para definir gêneros e atividades e, fazendo isso, criar oportunidades e expectativas de aprendizagem”. Nesse sentido, então, para que pudéssemos atingir o objetivo lúdico da proposta com a Farmácia Literária, foi necessário que, enquanto corpo docente, procurássemos alternativas que melhor satisfizessem as expectativas criadas naquela situação, na qual teríamos um trabalho que oportunizava a leitura de livros entre uma abordagem literária e terapêutica.

Entre os gêneros textuais trabalhados com frequência junto aos estudantes em conjunto com o texto literário, é comum vermos menção à resenha. A resenha possibilita, pelo seu aspecto crítico, que o estudante promova uma reflexão sobre o que foi lido. A criticidade inerente ao gênero textual resenha aliada à leitura literária oportuniza o exercício para elaboração de pensamentos mais complexos sobre a história, permitindo ao discente selecionar e promover reflexões sobre o que leu. Além disso, para que a produção da resenha aconteça, geralmente como culminância da leitura literária, há uma série de conjunto de gêneros⁵ disponíveis, como anotações, debates e tantos outros tipos de texto que vão auxiliá-lo, em sua pesquisa, na elaboração desse pensamento complexo sobre o livro lido e, por conseguinte, para a produção escrita desse gênero. Há, portanto, um agrupamento de ações que irão auxiliar a validar seu senso crítico, culminando na produção de uma resenha que, posteriormente, será socializada com o grupo-classe.

⁵ “Coleção de tipos de textos que uma pessoa num determinado papel tende a produzir” (BAZERMAN, 2011b, p. 33)



A maneira como o gênero textual resenha se organiza e se situa no evento comunicativo que envolve a troca de livros nas aulas de Português já era bem conhecida pelos estudantes de algumas turmas. Muitos tinham contato com resenhas. Ou seja, a resenha seria o que Bazeman (2011) aponta como lugar familiar. Percebemos que determinados gêneros textuais, quando atingem o patamar de um lugar tão familiar aos alunos, acabam por se esvaziar de desafios. Passamos, então, a refletir de que modo a indicação de livros via resenha poderia se enquadrar nos objetivos da Farmácia Literária. Tal reflexão perpassa, necessariamente, o trabalho que fazemos com o texto em sala de aula. Sobre isso:

Os gêneros que atuam na sala de aula são mais do que uma repetição ritual de proposições padronizadas. Se eles falham em ser mais do que isso, é porque nós esvaziamos de tal forma o sentido da atividade de sala de aula, que as produções genéricas se tornam meros exercícios formais. Cabe a nós, professores, ativarmos o dinamismo da sala de aula de forma a manter vivos, nas ações significativas de comunicação escolar, os gêneros que solicitamos aos nossos alunos produzirem. Isso pode ser feito, tomando-se como base a experiência prévia dos alunos com os gêneros, em situações sociais que eles consideram significativas, ou explorando o desejo dos alunos de se envolverem em situações discursivas novas e particulares, ou ainda tornando vital para o interesse dos alunos o terreno discursivo que queremos convidá-los a explorar. (BAZEMAN, 2011b, p. 30).

Nossa proposta tinha como meta resgatar o desejo dos estudantes por explorar obras literárias, reconectando-os com o trabalho de escrita, ocupado naquela época pelo gênero textual resenha.

Para trazer-lhes à ideia do projeto, resolvemos iniciar pelos gêneros textuais familiares aos estudantes, que remetem a situações comunicativas envolvendo o universo farmacêutico. Podemos citar desde receitas médicas a rótulos de remédios e bulas. Entretanto, aliar a linguagem técnica e pouco pessoal dos medicamentos à personalidade do universo literário, especialmente àquela que as resenhas carregam, foi um dos desafios encontrados ao alinhar o modo de funcionamento do projeto, visto se tratarem de conjuntos de gêneros pertencentes a sistemas de atividades tão distintos. Entretanto, embora carreguem distinções quanto aos sistemas, havia uma similaridade entre o gênero textual bula, especificamente, e o gênero textual resenha,

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



que poderia ser explorada para convidar os estudantes a adentrarem o terreno discursivo que gostaríamos de explorar.

A bula e a resenha guardam similaridades. O objeto da bula, isto é, o medicamento, é indicado para o enfermo por meio de linguagem técnica, trazendo em si informações que, por parâmetros científicos, buscam convencer o leitor sobre sua eficácia. A resenha, tendo como objeto o livro literário, era o modo através do qual o estudante, por meio de uma linguagem argumentativa, buscava convencer os colegas de classe sobre a qualidade da obra lida. Foi, a partir dessa interseção, que o convite a nos debruçarmos sobre a *intergenericidade* aconteceu, através de uma situação nova e particular, como recomendado por Bazerman (2011b).

3. Bula de Remédio e Resenha: um diálogo possível

Por serem vivos, os gêneros textuais podem, a depender de como se apresentem as circunstâncias, se moldar às nossas práticas sociais, pelo formato, conteúdo ou estilo (KOCH, 2012). Para Marcuschi (2002, p. 31), a intertextualidade intergenérica é “uma mescla de funções e formas de gêneros diversos num dado gênero”. É através da intergenericidade, quando um gênero exerce a função de outro, que percebemos a maleabilidade dos gêneros textuais. O hibridismo genérico, por assim dizer, revela não somente a plasticidade inerente aos gêneros textuais quanto à estrutura, mas sobretudo quanto ao modelo sociocognitivo, em que o leitor aceita o contrato e exercício de investigar as intertextualidades presentes nessa fusão.

A fusão entre os gêneros textuais bula e resenha aconteceu através de estratégias que procuravam alinhar propósitos de uso da escrita, embora a bula não parecesse, à primeira vista, uma candidata tão maleável quanto a resenha em certos aspectos, como a aparência, por exemplo.

Optar pelo trabalho com a intergenericidade neste projeto de ensino também pressupunha um incentivo à sensibilização do estudante quanto à função da resenha

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



dentro do processo de aprendizagem, como uma oportunidade de diálogo, cujo sentido havia se esvaziado. Atribuímos esse esvaziamento ao modo como esse modelo de socialização da leitura era constantemente repetido. Conforme Cavalcante et al (2011, p. 181),

os produtores de textos híbridos pressupõem que os coenunciadores mobilizarão seus conhecimentos para reconhecer os propósitos do texto em foco, e intuirão que, no processo de intergenericidade, o formato de um gênero está sendo usado para atender a uma função diferente da que lhe é peculiar.

Unir bula de remédio e resenha para recomendar textos literários se mostrou como uma oportunidade, um convite aos estudantes para que mobilizassem seus conhecimentos e percebessem o texto literário como parte integrante de outra esfera discursiva de suas vidas. O processo de intergenericidade, portanto, mostrava-se como um exercício que buscava relacionar a socialização da literatura a momentos que podiam transcender os objetivos, até então, predominantemente pedagógicos, acrescentando ao leitor um compromisso com o olhar empático.

Explicamos melhor a intertextualidade intergenérica a partir do modelo de Marcuschi (2008), adaptado por Cavalcante et al (2011, p. 182):

Gráfico 01: Intergenericidade



INTERGENERICIDADE

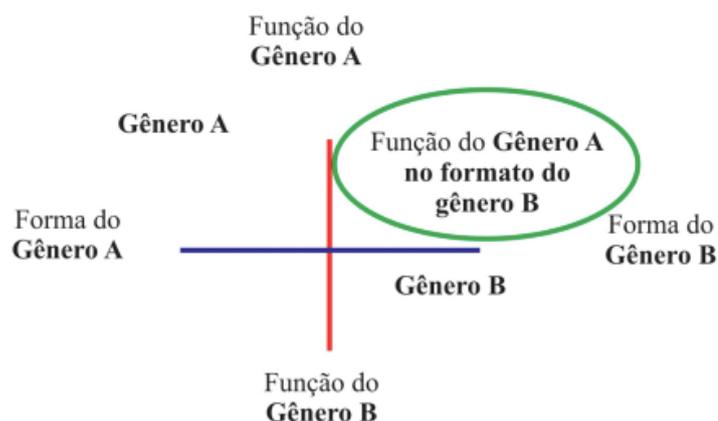


Figura 1. Intertextualidade inter-gêneros.
Figure 1. Inter-genres intertextuality.

Fonte: Cavalcante et al (2011, p. 182).

No gráfico adaptado por Cavalcante et al (2011), a intergenericidade acontece pela junção entre função de um gênero A no formato do gênero B. Poderíamos dizer que unimos a função da resenha ao formato da bula de remédio.

Quanto ao formato, procuramos aproximar as produções ao máximo de um formato de bula, ou seja, o modo como a bula se organiza visualmente, a ordem dos tópicos, a tipografia, organização dos elementos na superfície textual. Na Figura 01, vemos um exemplo retirado da internet da aparência que uma bula costuma ter.

Figura 01: Imagem de Bula de Remédio.

Medicamento Anvisa®

Paracetamol

APRESENTAÇÕES

Comprimidos revestidos de
- 500 mg em embalagem com 20 ou 200 comprimidos.
- 750 mg em embalagem com 20 ou 200 comprimidos.

USO ORAL

USO ADULTO ACIMA DE 12 ANOS

COMPOSIÇÃO

Medicamento Anvisa® 500 mg:
Cada comprimido revestido contém 500 mg de paracetamol.
Excipientes: ácido estárico, amido pré-gelatinizado, hipromelose, macrogol e povidona.

Medicamento Anvisa® 750 mg:
Cada comprimido revestido contém 750 mg de paracetamol.
Excipientes: ácido estárico, amido pré-gelatinizado, hipromelose, macrogol e povidona.

1. PARA QUÊ ESTE MEDICAMENTO É INDICADO?

Medicamento Anvisa® é indicado para o tratamento de febre e de dores leves a moderadas, de adultos, tais como: dores associadas a gripes e resfriados comuns, dor de cabeça, dor de dente, dor nas costas, dores associadas a artrites e cólicas menstruais.

2. COMO ESTE MEDICAMENTO FUNCIONA?

Medicamento Anvisa® reduz a febre atuando no centro regulador da temperatura no Sistema Nervoso Central (SNC) e diminui a sensibilidade para a dor. Seu efeito tem início 15 a 30 minutos após a administração oral e permanece por um período de 4 a 6 horas.

3. QUANDO NÃO DEVO USAR ESTE MEDICAMENTO?

Você não deve tomar Medicamento Anvisa® se tiver hipersensibilidade (alergia) ao paracetamol ou aos outros componentes da fórmula.

Usuários crônicos de bebidas alcoólicas podem apresentar um risco aumentado de doença do fígado se tomarem uma dose maior que a dose recomendada (suspensão) de Medicamento Anvisa®.

Este medicamento é contra-indicado para menores de 12 anos.

4. O QUE DEVO SABER ANTES DE UTILIZAR ESTE MEDICAMENTO?

Você não deve tomar mais do que a dose recomendada (suspensão) para provocar maior alívio, pois pode causar sérios problemas de saúde.
Você não deve usar o medicamento para dor por mais de 10 dias ou para febre por mais de 3 dias, exceto sob orientação médica.
Você deve consultar seu médico se a dor ou febre continuarem ou piorarem, se surgirem novos sintomas ou se aparecerem vermelhidão ou edema (inchaço), pois estes sintomas podem ser sinais de doenças graves.
Em casos de uso por mulheres grávidas ou amamentando, a administração deve ser feita por períodos curtos.

Este medicamento não deve ser utilizado por mulheres grávidas sem orientação médica ou do cirurgião-dentista.

Atenção diabético: este medicamento contém SACAROSE.

Informe ao seu médico ou cirurgião-dentista se você está fazendo uso de algum outro medicamento.

A absorção de Medicamento Anvisa® é mais rápida se você estiver em jejum. Os alimentos podem afetar a velocidade da absorção, mas não a quantidade absorvida do medicamento. Se você toma três ou mais doses de bebidas alcoólicas todos os dias, deve consultar seu médico se pode tomar Medicamento Anvisa® ou qualquer outro analgésico. O paracetamol utilizado com o álcool pode causar lesão no fígado. A interferência do paracetamol na metabolização de outros medicamentos e a inibição destes medicamentos na ação e na toxicidade do paracetamol não são relevantes.

Não use outro produto que contenha paracetamol.

5. ONDE, COMO E POR QUANTO TEMPO POSSO GUARDAR ESTE MEDICAMENTO?

Você deve conservar Medicamento Anvisa® em temperatura ambiente (entre 15°C e 30°C), protegido da luz e da umidade.

Este medicamento tem validade de 36 meses a partir da data de sua fabricação.

Número de lote e datas de fabricação e validade: vide embalagem.

Não use medicamento com prazo de validade vencido.

Para sua segurança, mantenha o medicamento na embalagem original.

O comprimidos revestidos de Medicamento Anvisa® são ovalados de cor branca.

Antes de usar, observe o aspecto do medicamento.

Caso você observe alguma mudança no aspecto do medicamento que ainda esteja no prazo de validade, consulte o médico ou o farmacêutico para saber se poderá utilizá-lo. Todo medicamento deve ser mantido fora do alcance das crianças.

Fonte: <http://www.blog.saude.gov.br/index.php/35211-bula-e-essencial-para-orientar-o-consumidor-sobre-uso-seguro-de-remedios> Acesso em 24/04/2021

O formato das “bulas de livros”, como foram chamadas as produções textuais neste projeto, se assemelhava visualmente a uma bula comum de remédio. O título do medicamento era substituído pelo título da obra literária, seguido pela apresentação, contendo informações como autoria, número de páginas, editora. Logo em seguida, o espaço dedicado à composição do medicamento trazia palavras-chave sobre a obra literária, como gênero literário, temática, sentimentos despertados. As perguntas-padrão, comuns a todas as bulas de remédio, foram mantidas, mas adaptadas. Em vez do termo “medicamento”, usou-se “livro”. Os estudantes tentavam responder a esta pergunta utilizando a metáfora “livro-remédio”. O conteúdo, em resposta às perguntas da bula, tentava se aproximar ao máximo da função social da resenha, gênero bastante conhecido pelo grupo-classe. Ao longo das perguntas, os

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso restrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



estudantes traziam informações sobre a obra, do mesmo modo como planejavam fazer se o gênero a ser produzido fosse uma resenha. A recomendação do livro, função primordial das resenhas escritas naquele contexto pelos estudantes, no entanto, era feita ao longo do texto, de modo “diluído” e menos direto do que costumava acontecer nos textos produzidos por eles.

A intergenericidade, portanto, possibilitou o olhar “desacostumado” para uma prática de escrita até então familiar e rotineira. Há, portanto, uma reflexão sobre o processo de escrita, oportunizado pelo exercício de transformação de um texto para outro. É um processo que envolve algumas etapas importantes para o amadurecimento das práticas de escrita: reconhecimento dos gêneros textuais envolvidos, suas características mais relevantes e relações intertextuais, reorganização do conteúdo a ser registrado de um gênero para o outro, compreensão da nova função social adquirida pelo intergênero e, por fim, a escrita.

4. Farmácia Literária: um projeto de letramento

Antes de esmiuçarmos como ocorreu o projeto, é preciso trazer algumas informações importantes que o antecedem. A primeira informação diz respeito a um projeto já existente, denominado Biblioteca da Turma. A segunda informação está relacionada ao grupo-classe para o qual o projeto foi pensado.

A Biblioteca da Turma era um projeto existente não apenas nesta turma, mas em outras turmas do Ensino Fundamental, no Colégio de Aplicação da UFPE, local em que este trabalho foi possível. O projeto da Biblioteca consistia em trocas mensais de livros literários previamente selecionados. Os livros eram adquiridos pelos familiares dos estudantes ou emprestados pela biblioteca do Colégio. A cada livro lido era escrita uma resenha pelo estudante. Estas resenhas costumavam ser apresentadas ao grupo-classe nos dias em que ocorriam as trocas, como forma de incentivo à leitura do título, para que os outros colegas também se interessassem por

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



ele. Durante as trocas, o professor registrava os livros lidos, as impressões dos estudantes sobre os títulos e acompanhava a partilha de informações e impressões, atuando como mediador.

A turma para a qual o projeto foi idealizado estava no sétimo ano do ensino fundamental e era composta por 30 estudantes, com faixa etária entre 12 e 13 anos. Tinha um perfil desafiador: era um grupo-classe um pouco inquieto, exigente quanto às atividades propostas. As trocas de livros nos dias designados à Biblioteca da Turma eram sempre tumultuadas. Os estudantes muitas vezes disputavam certos títulos, enquanto outros eram frequentemente ignorados. A relação entre os estudantes da turma também merece ser mencionada aqui. Embora tivessem um senso de coletividade bastante evidente, a turma era “costurada” por grupos menores que, frequentemente, entravam em conflito. A relação da turma com a professora de Língua Portuguesa era muito boa, de modo que os estudantes pareciam se sentir à vontade nas aulas. Em algumas ocasiões, os conflitos pelos quais os grupos passavam apareciam durante as aulas, especialmente a partir de debates sobre textos levados pela docente. A harmonia entre os grupos que compunham a turma era comprometida com certa frequência, de modo que as trocas da Biblioteca da Turma, muitas vezes, tendiam a acontecer apenas entre estudantes com maior afinidade.

Perceber o perfil da turma foi fundamental para pensarmos de que modo esse projeto poderia contribuir não somente para o amadurecimento textual dos estudantes, como também para a dinâmica na sala de aula. A diagnose da turma foi o primeiro passo para entender as práticas de leitura e escrita com as quais a turma tinha contato e de que modo poderíamos ressignificá-las.

Para compreendermos de que modo as ações se organizaram em torno de um projeto de letramento, é preciso ter em mente que esse tipo de projeto não se destina a “corrigir” déficits, mas a praticar a leitura e a escrita em situações reais; é a prática social que as orienta para a ação social. (STREET, 2014; OLIVEIRA, 2016). De acordo com Street (2014, p. 174), as práticas letradas incorporam não só os “eventos de letramento”, como ocasiões empíricas de que o letramento é parte integrante”. O

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



projeto Farmácia Literária buscou, nesse sentido, trazer aos estudantes o empirismo necessário para os usos da leitura/escrita naquela ocasião. Para melhor visualizar como ocorreu o projeto, iremos narrar as ações por etapas.

A *primeira etapa* consistiu na sensibilização da turma para o projeto. Levamos um dos capítulos do livro “A livraria mágica de Paris”, de Nina George. No capítulo, o narrador conta como surgira a ideia de um barco-livraria, um dos ambientes em que a narrativa se passa, e como o dono dessa livraria peculiar costumava recomendar os títulos mais adequados aos seus clientes. Abastecido de misticismo e um olhar sensível para ler as questões que afligiam os seus clientes, o dono do barco-livraria era certo em suas indicações, remediando com livros os dramas pessoais daqueles com os quais tinha contato. A partir desse enredo, conversamos sobre como os livros podem ter tal poder. O momento foi bastante produtivo: os estudantes lembraram de obras que, em algum momento, lhes serviram como apoio, como ‘remédio’, e como as histórias vividas por alguns personagens podiam ser aproveitadas para a vida real.

Num outro momento, ainda nesta etapa, levamos verbetes do livro “Farmácia Literária” para uma das aulas. Os estudantes reconheceram o gênero verbete e perceberam que, diferente do dicionário, os verbetes traziam definições e indicações de livros para males e situações enumeradas numa espécie de índice. O verbete escolhido para a discussão na aula foi “adolescência”. Os estudantes puderam relacionar o verbete ao momento da vida que estavam vivendo. A definição e as recomendações das autoras foram comentadas pelo grupo-classe. O tempo de duração desta primeira etapa do projeto foi de quatro horas-aula.

A *segunda etapa* do projeto envolvia a apresentação, ao grupo-classe, da proposta para ressignificar as trocas ocorridas na biblioteca da turma. A docente questionou os estudantes sobre semelhanças e diferenças entre os gêneros textuais resenha crítica e bula de remédio. Os estudantes lançaram, então, vários pontos de interseção, que iam desde aspectos linguísticos até a função de cada um. Este momento permitiu que todos visualizassem a possibilidade do exercício com a intergenericidade na proposta apresentada e durou cerca de duas horas-aula. Alguns

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



estudantes se mobilizaram para produzir uma identidade gráfica para as bulas de livros e o projeto começou a ganhar adesão dos discentes, que exploraram não apenas questões estilísticas da escrita do intergênero bula de livro, como também questões visuais, a fim de aproximar ainda mais as resenhas do universo farmacêutico (ver imagem 02). Nos alinhamos, portanto, a Oliveira (2016, p. 299), quando ressalta que “a leitura e a escrita não são produtos solitários, elaborados por meio da experiência individual, mas processos colaborativos, construídos na coletividade”. Assim, “cada um ensina aquilo que sabe e todos aprendem de modo mais significativo” (OLIVEIRA, 2016, p. 301).

Imagem 02: design das “bulas dos livros”



Fonte: a autora.

A terceira etapa desse projeto envolveu a apresentação das bulas de livros. Os estudantes fizeram, primeiro, a partilha dos textos junto à professora, para que

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



pudessem ser feitas pequenas correções. A professora percebeu que alguns alunos ainda estavam se familiarizando com o processo de retextualização proposto e, por isso, algumas correções foram necessárias. Um dos aspectos de análise linguística explorado, por exemplo, diz respeito ao uso de verbos no imperativo nos textos das bulas. Esse momento de correção propiciou uma percepção da escrita através da análise linguística.

A *quarta e última etapa* do projeto consistiu na apresentação das bulas dos livros. Os alunos o fizeram tanto dentro do grupo-classe, com os colegas, como também expuseram as bulas dos livros na entrada da escola, num painel. Também realizaram uma ação durante a Semana de Leitura e Literatura do Colégio, em que apresentaram a outros estudantes da escola os livros lidos, conversando com os espectadores sobre as bulas produzidas e a ideia da farmácia literária para a construção dos textos.

As bulas permaneceram fixadas no hall de entrada do Colégio por um período (ver imagem 03), sendo possível a outros estudantes em outras turmas conversarem sobre os livros e compreender a proposta da Farmácia Literária.

Imagem 03: alunos no hall conhecendo a farmácia literária





Fonte: a autora.

Foi notório, portanto, como os projetos de letramento permitem “a socialização de saberes, experiências, sentimentos e recursos com vistas à planificação de ações de um projeto coletivo” (OLIVEIRA, 2016, p. 299). Os estudantes assumiram tarefas em prol do objetivo coletivo e se relacionaram com o texto literário de modo sensível e empático.

Considerações Finais

Relatos de experiência são sempre um recorte de uma realidade. Embora haja especificidades características de cada contexto, há sempre aspectos e ideias que podem ser reutilizados, adaptados ou servir como inspiração. A farmácia literária é um projeto que busca, antes de tudo, inspirar: a inspiração para o trabalho com a literatura em sala de aula de forma menos automatizada e mais empática, em que a experiência com o processo reverbere na vida dentro e fora dos anseios escolares.



O processo que nos encaminhou para o projeto de letramento farmácia literária foi antes de tudo fruto de uma coletividade e de um desejo por reconhecimento, por interação de um grupo-classe que, embora convivesse de modo harmonioso na maior parte do tempo, ainda mantinha relações de distanciamento e segregação em grupos. É preciso deixar claro que o projeto não se apresentava como solução para tais questões, mas que as ações que envolveram seu acontecimento contribuíram para que o sentimento de integração ficasse mais evidente.

Por fim, vimos, também, como os gêneros textuais fazem parte das ações da vida e movem pessoas quando os percebemos para além de um mero amontoado de características linguísticas. Embora saibamos que há aspectos tipificados na materialidade linguística que nos ajudam a organizar a vida através de gêneros textuais, é nas situações retóricas recorrentes que humanizamos essa relação, através da interação.

Referências

- BAZERMAN, C. **Gêneros textuais, tipificação e interação**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2011a.
- BAZERMAN, C. **Gênero, agência e escrita**. 2.ed. São Paulo: Cortez, [2006]2011b.
- BAZERMAN, C; MILLER, C. In: DIONISIO, A.; MILLER, C.; BAERMAN, C.; HOFFNAGEL, J. (orgs). **Ebook Série Bate-papo acadêmico**. 1.ed. vol.1. Recife: [s.n.], 2011c.
- CAVALCANTE et al. A intertextualidade como recurso humorístico. In: **Caleidoscópio**. Vol.9. n. 03. P. 180-187, set/dez 2011. Disponível em http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/19433/1/2011_art_mmcavalcante.pdf acesso em 12/08/2021.
- GEORGE, N. **A livraria mágica de Paris**. Rio de Janeiro: Record, 2017.
- KOCH, I. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. São Paulo: Cortez, 2012.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2000[2008].

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, M. Auxiliadora (orgs.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MILLER, C. R. Genre as social action. In: FREEDMAN, A & MEDWAY, P. (eds.), **Learning and teaching genres**. Portsmouth, N H: Heinemann, [1984]1994.

OLIVEIRA, M. **Ler, escrever, agir e transformar: uma introdução aos novos estudos do letramento**. Recife: Pipa Comunicação, 2016.

STREET, B. **Letramentos Sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola, 2014.

Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, Recife, v.8, n.1, 2022. ISSN: 2447-6943

Este artigo está licenciado sob forma de uma licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a publicação original seja corretamente citada.

https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR

